

§ Vinheta §

§ Música animada §

§

§

[Flavia]

Isso não é legal,

sair pela garagem.

Garagem não é lugar

pras pessoas saírem.

É pros carros.

Mas aqui, nesse prédio,

não tem outra opção.

Eu, antes, era muletante.

Eu usava aparelho

nas duas pernas,

e andava de muleta.

Quando eu vim morar aqui,

passei a ser cadeirante

pela Síndrome Pós Pólio,

aí, eu perdi totalmente

o equilíbrio

e não conseguia mais

andar de muleta.

[Pedro Vicente]

Tudo bom?

Achei que você ia...

Fiquei pensando
como você ia fazer
pra descer por aqui.

[Flavia]

Não, eu saio sempre
pela garagem.

Eu tô transvestida
de carro,
porque não tem acesso
o prédio.

Nem aquele portão lateral
dá pra sair
porque não tem...

Aqui é rebaixada.

E subir, tem degrau
na calçada.

Vários degraus, obstáculos...

Você é corajosa.

Você vai pela...

Pela rua.

Vamos nessa, então.

Dividindo a via...

[Burburinho]

Qual que é esse, hein?

Ah, não. Não dá.

[Ronco do motor do ônibus]

Meu nome é

David Farias Costa,
eu vou fazer
50 anos esse ano,
sou natural da Bahia.
Eu vim pra São Paulo
com 8 anos,
com o objetivo inicial
de busca
de alternativa clínica
que pudesse
me fazer enxergar.
Mas como não houve
essa possibilidade,
o médico indicou
o Instituto Padre Chico,
que é uma escola
especializada
pra deficientes visuais,
onde cursei lá,
até então, a 8ª série.

Bom dia.

Bom dia. Tudo bem?

§

[Pedro Vicente]

A questão é: todos
que transitam pela cidade
têm respeitado
seu direito de ir e vir,

e seu direito à igualdade
e às liberdades fundamentais
do cidadão?

Desde janeiro de 2012,
sancionada a lei 12.587,
que institui os princípios
da Lei Nacional
da Mobilidade Urbana,
tendo como um dos princípios
fundamentais
a acessibilidade universal.

A lei estabelece
que todo espaço público
deve ser adaptado
para permitir o acesso
a todas as pessoas,
incluindo
pessoas com deficiências
de todos os tipos.

Olha, você quer
saber a verdade?
A cidade não tá
preparada pra nada.

A lei é muito grande
para o deficiente visual.
Só que não é cumprida.
Cada dia da semana
tô num lugar,
cada dia é uma rotina,

um movimento.

[Francisco]

Uma das maiores dificuldades
que a gente encontra,
eu acho que é
o atravessar a rua.

[Shirley]

As calçadas tão muito ruins,
as ruas...
Cadeira precisa
ter rampa.
Aí, eles põem muito degrau,
e não é certo.
Fora os buracos, né?

[Marcela]

Enquanto isso ficar numa
teoria bonita e num papel,
nada vale.
Por que
que eu vou falar:
"Ai, o cego tem que ter
a calçada pra andar",
se a pessoa tá ali
no celular,
olhando pra baixo,
falando no celular,
com os pezão aberto...
Gente! Desculpa!
Tô falando de uma realidade

que é pra ricos
e pra pobres.
A deficiência
ainda causa espanto...
porque as pessoas
tão muito ligadas
no "Big Brother",
na novela.
Porque não é com elas
que acontece.
Enquanto você lidar com
a deficiência como um "Ahhh",
um espanto
de outro planeta,
como se fôssemos
um ET de Varginha, não dá!
Não adianta eu ter
objetos demais.
Eu tenho que ter
atitudes demais,
e aí sim, os objetos
ganham utilidade.

§

[Pedro Vicente]

A gente tá conversando
com a Catharine.
A Catharine caminha
pela cidade de São Paulo
tranquilamente,
e ela, claro, encontra
algumas questões,

porque ela não fala.

[Mulher]

Ela fala.

Ela não fala com a voz

como a gente fala,

ela fala

de outro jeito,

e é pra isso que a gente

tá aqui tentando entender

como é que funciona

esse negócio todo.

Certo?

Eu tô querendo te perguntar,

Catharine, por favor,

quando você sai

sozinha pela cidade,

você se vira bem,

ou encontra obstáculos

que a sua condição

não tem como lidar?

[Intérprete]

É, às vezes a cidade...

Na cidade sempre vou sozinha,

isso pra mim é normal.

Às vezes, preciso ir

num lugar específico,

uma rua específica

ou numa loja,

e aí, tô tentando procurar,
por exemplo, qual é a rua.
Eu vejo uma pessoa na rua
e tento perguntar:
"Me mostra onde fica?".
Mostro um papel com endereço,
ela percebe que sou surda
e a pessoa fica meio ansiosa,
tentando fugir de mim.
Eu falo: "Desculpa, tudo bem,
vou chamar outra pessoa".
É fácil, ela pode mostrar
com a mão, por exemplo,
mão direita,
vira pra direita,
aí, eu agradeço
e consigo ir,
mas é uma questão improvisada mesmo de comunicação.
As pessoas precisam abrir
um pouco a mente
pra perceber que sou
um ser humano.
Não precisamos ter
barreiras comunicacionais,
você pode escrever,
faço leitura labial também,
então, vamos trabalhar
essa liberdade das pessoas,
somos todos iguais.
Não me rotulem,
por favor.

[Risos]

§

[Flavia]

O Brasil é muito rico.

Se 30% fosse cumprido,

a gente teria uma vida

de inclusão na cidade.

Porque a pessoa

com deficiência,

ela não faz parte

da paisagem urbana.

A cidade oferece

pra mim

uns 200m de poder andar

como todos, pela calçada.

Nossa, 200m, considerando

os milhares de quilômetros

que têm aqui na cidade, né?

É muito pouco.

Esse aqui é o seu

caminho cotidiano...

E, por enquanto, passamos

uma calçada intrasponível,

Sim.

Da sua própria rua.

[Risos]

E é algo muito louco,

porque você trabalha no CT,

que, supostamente, tem
alguma ingerência sobre isso.

Olha, as calçadas, ela é
da Sec. das Vias Públicas,
mas é lógico que a CT,
hoje, mais do que
antigamente,
tem gerência sobre isso,
porque andar a pé hoje
se tornou um modal também.

E é importante a CT,
que trabalha exatamente
com as movimentações
dos modais,
ela passa a ter uma gerência
maior sobre as calçadas.

Mas isso é uma coisa
muito recente...

Ali não dá pra eu passar,
vamos voltar...

[Rindo]

Mesmo eu conhecendo...

Ali, o obstáculo
é muito alto,
mas nem a minha
cadeira potente...

§ Samba §

[Pedro Vicente]

Atualmente, quase 800 milhões de pessoas no mundo são portadoras de algum tipo de deficiência física, 12% da população mundial.

Dentro dessa parcela, 90% vivem em países em desenvolvimento.

No Brasil, 23,99% da população declara algum tipo de deficiência. São 45,6 milhões de pessoas.

Mas quando a cidade não é acessível, a pessoa com deficiência que depende do transporte público enfrenta barreiras físicas e sistêmicas, que podem resultar em danos morais e econômicos, e decorrem tanto da falta de infraestrutura quanto do comportamento humano.

§

[David]

Estamos saindo
da Vila Antonieta
e estamos próximos
ao Shopping Aricanduva.
Estamos indo pro SENAC,
pra Rua do Orfanato.
O SENAC Vila Prudente.

Eu não me atendo
aos aspectos visuais,
e sim às emoções,
ao sentimento, à percepção.

É muito legal essa questão
de como o cego enxerga,
é muito bacana porque
as pessoas têm receio:
"Nossa, eu perguntei...".
Meus alunos, às vezes...
"Nossa, professor,
desculpa, eu esqueci
e perguntei se você viu...".
O ver é muito além
da questão dos olhos.
O ver é você ter consciência,
é você perceber.
Acho que nós estamos
mais atentos

a determinados detalhes, né?

Então, por exemplo,
agora fizemos uma curvinha,
vamos passar do lado da banca
de jornal aqui à direita.

Agora vai passar
na lombada, olha aí.

[Rindo]

Então...

Por que eu sei?

Porque já passei a pé aqui,
então associo
ao meu percurso a pé.

E, quando tô no transporte,
já sei a curva e tal...

Então essa percepção
que a gente tem
em relação
a determinados detalhes,
isso é bacana, né?

§

06/06/2015, sancionada
a Lei Federal 13.146,
Lei Brasileira na Inclusão
da Pessoa com Deficiência,
ou ainda Estatuto da Pessoa
com Deficiência, que promove
inclusão, cidadania
e igualdade de direitos

e liberdades fundamentais
às pessoas com deficiência.

[Caio]

Hoje em dia, tenho
bastante facilidade
pra me locomover
e eu acredito que...
a questão da acessibilidade
melhorou muito no Brasil
de uns anos pra cá.
Claro que tem muitas pessoas
ainda que têm preconceito.
Porque é muito complicado
pra falar no nosso país...

a questão de mobilidade,
porque o governo
faz o mínimo, né?

[Israel]

Tem dois perfis:
tem a pessoa com deficiência
que sentiu
as dificuldades sociais
de mobilidade, então eles são
um pouco mais retraídos.
E tem uma outra metade
que tá sempre de olho
no que fazer
pra se superar,

e o que fazer pra ter
uma vida, assim, não normal,
e muitas vezes é normal,
mas o mais próximo
disso possível.

[Intérprete]

Eu tenho uma influência
muito grande,
minha família tem dinheiro,
tem condições
de pagar
escola particular.

Pior é alguns surdos que vão
pra escola municipal,
porque tem uma questão
de interpretação.

A comunicação na sala
de aula é muito difícil.

Eu tive ajuda, minha mãe
é professora de português,
então, em casa,
ela me ensinava.

Meu pai também
era professor...

Então, foi um processo
de ensino já dentro de casa.

Também teve a fono, eu tive
um tratamento muito forte,
foi um esforço
muito grande.

A fono me ajudou com
algumas questões gestuais,
mas trabalhou muito
minha fala, minha percepção.

Então, eu tive
uma escola muito boa,
uma educação muito boa.

Outras pessoas
da comunidade surda
às vezes não têm
acessibilidade nas escolas,
não têm dinheiro,
os pais não conseguem pagar,
não conseguem ter
tratamento fonoaudiológico...

Então, tem uma diferença
muito grande.

A maioria dos surdos
não consegue estudar mesmo,
principalmente,
pra ensino superior.

Isso começou agora.
2001 que foi criada a lei
que exige o intérprete
dentro do âmbito educacional.

Então, a acessibilidade
começou agora,
antigamente não tinha,
então era muito difícil.

A maioria dos meus amigos
é muito diferente

nesse aspecto de formação,
nessa trajetória de vida.

[David]

Cada pessoa com deficiência,
ela é única,
assim como
qualquer ser humano.

Então não dá pra gente
dizer assim:

"Olha,
os cegos são assim.

Os surdos
são de outro jeito".

Então, o que é importante
que a sociedade saiba?

Que o deficiente tá
no culto evangélico, na missa,
na igreja católica, no bar,
tá no trabalho,
tá na escola.

Tá no caminho ruim,
tá na droga, no alcoolismo.

"Nossa, o deficiente tá...".

Pelo mesmo motivo que quem
não tem deficiência tá.

[Pedro Vicente]

O passeio público
de uma cidade
é o conjunto das calçadas
ou passadiços,

os caminhos para pedestres,
que normalmente
margeiam as ruas,
um sistema básico
de mobilidade,
que deve ser
livre de obstáculos
para possibilitar
o acesso de todos,
incluindo pessoas
com deficiência,
dando condições para que
os cegos e cadeirantes
transitem com facilidade
até um ponto de ônibus,
no mínimo, ou, na verdade,
até qualquer lugar.

No Brasil, existe uma cidade
considerada pela ONU
como modelo
em acessibilidade.

Uberlândia,
em Minas Gerais,
tem 100% do sistema de ônibus
acessível, com rampas,
elevadores, e sinais sonoros
para deficientes visuais,
rampas de acesso
em todas as esquinas,
piso tátil em todas
as calçadas,

aulas com linguagem
de sinais nas escolas,
farto estacionamento
para idosos e deficientes,
e novos projetos
só são aprovados
com plano
de acessibilidade.

Isso beneficia milhares com opções em educação e lazer,
e calcula-se que levou
à inserção
de mais de 10 mil pessoas
no mercado de trabalho.
Que bom se toda cidade
fosse assim.

Eu preciso prestar
um pouco de atenção aqui.

Eu e os carros.
Você passa muito
por isso?
Toda hora.

Você vê que os carros, às vezes, têm que parar pra você passar,
porque a calçada
não tá dando.
Mas se não houver isso...

Por isso que cada vez mais
o compartilhamento

da via pública, ela tem que
entrar numa cultura
de solidariedade,
de fraternidade,
não tem outra maneira.

Você não consegue fazer
ciclovias na cidade inteira.

Você consegue preservar
alguns espaços,
mas a via, ela não é
só pra carro.

Ela não é só
pro transporte público.

Ela é pro ciclista...

Para os ciclistas também...

e é pra gente,
que não tem opção.

Ou a cadeira de rodas anda
pela rua ou não anda.

A gente vai fazer
isso, ó.

[Intérprete]

As pessoas fogem
do que elas não conhecem.

Já aconteceu, por exemplo,

eu vi um cego

caminhando na rua,

e eu fiquei sem saber

como me comunicar com ele.

E sou surda,

e ele era cego,

então a gente não tava
conseguindo conversar.

E aí, a ouvinte
fugiu dele.

Eu falei, "Ah, não,
eu vou lá ajudar".

Eu peguei ele
e atravessei.

Fiquei tentando conversar,
mas eu não conseguia.

Falei: "Olha, espera
um pouquinho".

Outra mulher veio e conseguiu
conversar com ele.

Já aconteceu,
mas pra mim é normal.

Imagina se fizessem isso
comigo, seria muito ruim.

Já fui voluntária
numa escola
de educação
para crianças com Down,
e eles perceberam
que eu era surda,
e a troca aconteceu
maravilhosa.

Eles aprenderam
língua de sinais,
foi tudo muito normal,
muito natural,
porque eu sinto que eles

têm a mente mais aberta.

Eles se sentem

mais tocados, né?

Algumas pessoas

são mais frias, mais fechadas,

então aí dificulta

a comunicação.

[Pedro Vicente]

Você acha que,

se mudar a mentalidade,

se as pessoas começarem

a ficar atentas

a essas questões,

as coisas mudam?

Porque é o que eu

tava falando:

a tecnologia a gente tem,

você tem uma cadeira legal,

as pessoas sabem como tornar

o espaço acessível...

Então tem que ser uma questão

da cabeça, da mentalidade.

Antigamente a gente

falava de vontade política.

Vontade política.

Mas a política tomou um rumo,

uma definição tão horrível.

Mas é isso, a política

não é partidária,

a política é a maneira

que a gente vive,
que as pessoas vivem...

Tudo isso

é política, né?

Vamos pela ciclovia,

que é um lugar

que a gente pode

andar com a cadeira.

[Pedro Vicente]

Ah! Ciclovia!

Eu adoro o chão vermelho.

[Risos]

Quando eu vejo

o chão vermelho,

pra nós, cadeirantes,

é a melhor maravilha que tem!

Deixa eu só ficar

mais pra cá.

Perdão.

Você vai passar pra cá?

Isso.

Desculpa.

Nada, que isso.

[Rindo]

Sem prender seu cabelo.

Motorista, o do INSS

é o outro, né?

[Motorista]

Oi?

O do INSS é o próximo, né?

É.

[David]

As pessoas falam:

"Jesus vai te curar".

Nossa, me curar do quê?

À Deus eu só tenho

que agradecer,

porque eu me sinto

privado da felicidade.

Então, por quê?

As impossibilidades

são naturais, isso é bacana!

Você vai superando,

vai enfrentando desafios,

isso é muito legal.

Do que posso reclamar?

Tem pessoas que têm todas

as possibilidades visuais

e não são felizes, né?

Então, acho que: "Ah, nossa!

Mas queria tanto dirigir!".

Será que pra você ser feliz

você precisa dirigir?

Entendeu? Então, são os padrões que a sociedade estabelece, né?

É o que a gente chama

de capacitismo, né?

Você tem deficiência, logo

não tem a capacidade de.

O que é muito estranho.

Por isso é necessário ainda
as cotas em universidade
e pra emprego, porque
a sociedade não acredita
que nós temos
a capacidade de.

A Cat é formada em Engenharia,
e tem muita dificuldade pra entrar no mercado de trabalho.

Porque o ouvinte,
ou outras deficiências,
têm prioridade
em cima dela.

A deficiência da surdez
implica falha de comunicação.

Então a maioria das empresas
têm um medo muito grande.

E têm um preconceito maior,
pelo menos é minha percepção.

Então, por exemplo,
se tem um cego,
ou um cadeirante,
eles vão ter prioridade
em cima do surdo.

Por exemplo, tá criando
uma peça de teatro
que fala sobre surdez.

Aí você quer esse personagem
que é surdo.

E você vai lá

fazer o teste, né?

Aí vem o ator, a atriz

ouvinte, que sabe

língua de sinais,

e a atriz surda.

A atriz ouvinte, óbvio,

vai ter prioridade.

Então isso é uma coisa

que acontece muito.

E é uma luta nossa

pra quebrar esse esteriótipo

pra conseguir

mostrar que...

E principalmente no campo

da engenharia,

que tem uma questão

ainda do machismo,

porque a maioria

é homem.

Numa entrevista de trabalho

era eu e um outro moço,

e ele que passou

na entrevista.

Eu fiquei me questionando:

"Será que é porque sou surda?

"Será que é

porque sou mulher?

Será que é porque

sou surda e mulher?".

[Batuques]

§ Nasceu surda

Num mundo de ouvintes §

§ Cresceu muda

Numa sociedade cega §

§ Nasceu surda

Num mundo de ouvintes §

§ Cresceu muda

Numa sociedade cega §

§ Nasceu surda

Num mundo de ouvintes §

§ Cresceu ouvinte

Numa sociedade muda §

§ Cresceu ouvinte §

§ Numa sociedade muda §

§ Sociedade muda §

§ Sociedade muda §

§ Sociedade muda §

[Batuques param]

Era, sim, menina surda.

Tudo que tinha de seu,

não tinha direito

e nem lugar.

Vivia trancafiada numa cela

que chamavam lar.

A família carcereira

não era de muita conversa.

Cala a boca, Catharine!

Cala a boca, Catharine!

Para de mexer essas mãos!

Credo!

Tá parecendo

um macaco de estimação,

fica com esses

"hum, hum, hum, hum!"

Eu tenho vergonha!

Catharine, olha pra mim!

Eu tenho vergonha

de você!

Eu tenho verg...

Não! Não sou eu! Sou normal!

Eu sou normal!

Quem fica aí,

"hum, hum, hum", é você!

A gente sai na rua,

as pessoas olham!

Tenho vergonha de você.

Você precisa aprender

a falar normal, sabe?

Que nem gente normal?!

É preguiça, né?

Você não fala português

porque é burra.

Não é possível

que você não aprende.

É tão fácil

falar português.

É fácil, não é...

Não, não é...

[Gritando]

Você não usa...

a sua mão!

É tão fácil!

É preguiça, né?

Abre a sua boca e fala!

Abre a boca e fala!

Abre a boca!

Abre! Abre essa boca

e fala!

[Grito]

Chega desse seu mundinho

ridículo de normalidade!

Pensam que são quem?

Não sou obrigada

a falar português!

Tenho minha voz!

Tenho minha própria língua!

[Batuques]

§ Eu sou surda

Num mundo de ouvintes §

§ E a tua língua numa cela

Não me encerra §

§ Eu sou surda

Num mundo de ouvintes §

§ E a minha língua

Meu espírito liberta §

§ Espírito liberta §

§ Espírito liberta §

§ Meu espírito liberta §

§ Espírito liberta §

§ Espírito liberta §

[Batuques param]

[Risos]